EDIÇÃO HISTÓRICA/LIBERTADORES – 1992

POSTER GIGANTE DO TRICOLOR

N.º 1072-A Cr$ 10.000,00

A CAMPANHA
OS HERÓIS
O ARTILHEIRO
A HISTÓRIA

QUE TIME!
QUE TÍTULO!

SÃO PAULO CAMPEÃO DA AMÉRICA

QUE VENHA TÓQUIO!

Bola no chão na hora de decidir: o mérito maior do capitão Raí

Com sua velocidade fora do comum, Müller chegou aos 100 gols. E é de novo campeão

FOTOS RICARDO CORRÊA

OS LIBERTADORES DO SÃO PAULO

Depois de nove anos, um clube brasileiro está livre para gritar "campeão". É o tricolor, o dono da Taça

Bienvenido, Club de Fútbol São Paulo. A faixa, colocada na porta do Hotel Presidente, onde a delegação tricolor se hospedou para o primeiro jogo da final da Taça Libertadores da América, contra o Newell's Old Boys, da Argentina, era só da boca para fora — e todos no time sabiam disso. Difícil acreditar que nossos vizinhos, também a um passo de sua primeira conquista, entregariam tão docilmente a honra de ser campeão ao tricolor.

De fato, tudo o que aconteceu em campo acabaria dando razão aos desconfiados são-paulinos. Como em um videotape de velhas disputas anteriores, o juiz chileno viu um pênalti para o Newell's e obrigou os brasileiros a irem para o tudo ou nada no jogo da volta, no Brasil. "Em São Paulo vocês vão ver", profetizava aos berros, de pé, longe de seu banco, o técnico Telê Santana, fora da habitual serenidade.

E eles viram mesmo. Não na base do jogo sujo, da pressão dos torcedores à noite, em frente ao hotel, sem deixar os visitantes dormirem. Nada disso. O que os desavisados argentinos do Newell's (último obstáculo de uma maratona que começou em março e obrigou o São Paulo a disputar paralelamente o Brasileiro) viram foi um show de futebol.

Dos pés de Raí, só se podia mesmo esperar a tranqüilidade, a "bola no chão" na hora de decidir. Müller, em uma campanha em que chegou a seu centésimo gol com a camisa tricolor, Palhinha, o artilheiro-surpresa, e Elivélton, sempre um perigo pela esquerda, foram fundamentais. E, sempre que era preciso chegar ao gol, o São Paulo contou ainda com o constante apoio de Cafu ao ataque e com Macedo, a arma secreta.

Agora só falta Tóquio. Ou nem isso: nessa Libertadores, o São Paulo já viajou 23 476 km, bem mais que os quase 17 000 km que o separam do Japão. Até a final com o Barcelona, porém, tudo é festa no tricolor. *Bienvenido, nuevo campeón de América.*

Antônio Carlos fez de tudo: defendeu e, quando dava, ainda apoiava o ataque com eficiência

Nem algumas falhas tiraram a tranqüilidade de Zetti, dono absoluto do gol

Com gols decisivos, Macedo foi a arma secreta na reta de chegada

Aliando raça à sua natural habilidade, Cafu foi um gigante na defesa e no apoio

COM ALMA NOS PÉS

Um punhado de pratas-da-casa raçudos ajuda o São Paulo a conquistar a América do Sul

Era um velho sonho tricolor. Mas, para conquistá-lo, sabia-se que apenas a técnica refinada de um Raí, de um Müller ou mesmo de um Elivélton não bastava. Afinal, apesar de contar com craques do quilate de Pedro Rocha, Zé Sérgio e Pita, o time havia fracassado nas vezes anteriores. Era preciso algo mais.

E todos sentiam que o São Paulo, finalmente, estava pronto para conquistar seu sonho ao ver o volante Pintado, de volta após vitoriosa passagem pelo Bragantino, indo buscar a bola no fundo de suas redes, na derrota do primeiro jogo da final. E gritando: ''Vamos lá, nem tudo está perdido''. Em meio à sua gana de vencer, dava broncas até em Raí, o astro da equipe.

O que faltava ao São Paulo era o desprendimento que tiveram, por exemplo, Ronaldo e Adílson. Ambos aceitaram mudar de função, jogando na cabeça-de-área. Ronaldão atuou por ali no Brasileiro do ano passado, garantindo com seu esforço incomum o passaporte para a Libertadores deste ano. Depois, com a volta de Adílson de um empréstimo ao Flamengo, voltou a batalhar na quarta-zaga, deixando a antiga função para o recém-chegado companheiro. A posição estava bem entregue. Os dois, junto com Pintado, passaram de jogadores tecnicamente limitados a exemplos de superação pelo amor à camisa.

FOTOS RICARDO CORRÊA

Pintado trocou o Bragantino pelo São Paulo, onde começou. Voltou para vencer

Adílson também foi para o sacrifício, e não se arrepende: é campeão de novo

A raça de Ronaldo foi fundamental para o tricolor: até gol o zagueiro acabou marcando

Nenhum dos três negou força. Nenhum deixou de dar sangue. A nenhum faltou raça. E era isso que faltava ao São Paulo. Hoje, ao torcedor campeão da América, já não falta mais nada. E por isso, exatos 500 anos depois de Colombo, o São Paulo conquista a América. Que venha o próximo sonho!

OS CONQUISTADORES DA AMÉRICA

ZETTI
Armelino Donizetti Quagliato, goleiro, 27 anos (10/1/1965), 1,87 m, 87 kg, paulista de Capivari. Fez da experiência sua principal virtude na conquista inédita.

CAFU
Marcos Evangelista de Moraes, lateral-direito, 22 anos (19/6/1970), 1,72 m, 74 kg, paulistano. Eficiente na defesa, quando apoiou se transformou em atacante.

ANTÔNIO CARLOS
Antônio Carlos Zago, zagueiro-central, 23 anos (18/5/1969), 1,85 m, 73 kg, paulista de Presidente Prudente. Ótimo na zaga, um tormento no ataque para os adversários.

RONALDO
Ronaldo Rodrigues de Jesus, quarto-zagueiro, 27 anos (19/6/1965), 1,87 m, 89 kg, paulistano. Marcou suas atuações pela regularidade. Jogador de muita raça.

IVAN
Ivan Rocha Lima, lateral-esquerdo, 23 anos (14/1/1969), 1,85 m, 75 kg, paulistano. Mesmo improvisado na lateral, mostrou tranqüilidade em todas as partidas que disputou. É zagueiro.

ADÍLSON
Adílson José Pinto, volante, 27 anos (24/1/1965), 1,81 m, 75 kg, paulista de Cruzeiro. Outro improvisado, que mostrou raça e aplicação no combate. Também é zagueiro.

PINTADO
Luís Carlos de Oliveira Preto, volante, 26 anos (17/9/1965), 1,79 m, 75 kg, paulista de Bragança Paulista. Limitado tecnicamente, mas muito útil na marcação.

RAÍ
Raí Souza Vieira de Oliveira, meia, 27 anos (15/5/1965), 1,89 m, 87 kg, paulista de Ribeirão Preto. Líder nato, um dos destaques do título, mostrou muita técnica.

PALHINHA
Jorge Ferreira da Silva, meia, 24 anos (14/12/67), 1,71 m, 63 kg, mineiro de Carangola. Herói do título. É habilidoso e mostrou oportunismo, com gols decisivos.

MÜLLER
Luís Antônio Corrêa da Costa, atacante, 26 anos (31/1/66), 1,76 m, 72 kg, sul-mato-grossense de Campo Grande. Com a costumeira velocidade, foi destaque na frente.

ELIVÉLTON
Elivélton Alves Rufino, atacante, 20 anos (31/7/1971), 1,70 m, 67 kg, mineiro de Serrânia. Voltou nas finais após uma contusão e tanto jogou ofensivamente como defendeu.

ALEXANDRE
Alexandre Escobar Ferreira, goleiro, 20 anos (2/1/1972), 1,80 m, 69 kg, paulista de Sorocaba. Não teve muita chance, vem revezando com Marcos na reserva.

RONALDO LUÍS
Ronaldo Luís Gonçalves, lateral-esquerdo, 25 anos (14/8/1966), 1,77 m, 67 kg, mineiro de Belo Horizonte. Não conseguiu a posição de titular, pois sofreu várias e seguidas contusões.

SÍDNEI
Sídnei do Espírito Santo, volante, 22 anos (3/2/1970), 1,70 m, 69 kg, paulistano. Perdeu a posição de titular para o volante Adílson. Seu forte é a marcação.

SUÉLIO
José Suélio da Silva Lacerda, meia, 24 anos (1/12/1967), 1,76 m, 72 kg, paraibano de Campina Grande. Não é um jogador técnico, mas compensou as limitações com muito espírito de luta.

CATÊ
Marcos Antônio Lemes Tozze, atacante, 18 anos (7/11/1973), 1,70 m, 67 kg, gaúcho de Cruz Alta. Ponta veloz, foi revelado na Taça São Paulo de Juniores.

MACEDO
Natanael dos Santos Macedo, atacante, 22 anos (16/12/1969), 1,78 m, 68 kg, paulista de Americana. Opção de ataque para as horas mais difíceis, fez gols nos momentos decisivos.

GILMAR
Gilmar Estevam, atacante, 25 anos (11/4/1967), 1,81 m, 72 kg, mineiro de Belo Horizonte. Forma com Palhinha e Ronaldo Luís o trio mineiro. Não mostrou tudo que sabe.

MONA
Marcelo Alexandre Pires Correia, volante, 19 anos (4/6/73), 1,70 m, 67 kg, paulista de Votorantim. Ainda faz parte do elenco de juniores. Ganhou experiência.

RINALDO
Antônio Rinaldo Gonçalves, atacante, 24 anos (31/10/1967), 1,74 m, 69 kg, paraibano de Campina Grande. O substituto de Elivélton, quando o ponta não podia jogar.

ERALDO
José Eraldo de Lima meia, 19 anos (18/8/1972), 1,69 m, 64 kg, alagoano de Maceió. Atuou apenas na partida de estréia na Libertadores, em Criciúma.

CLÁUDIO
Cláudio Lúcio Camargo Moura, atacante, 20 anos (9/3/1972), 1,82 m, 74 kg, gaúcho de Uruguaiana. Tem muita técnica, mas ainda não teve chance de mostrar seu futebol.

NELSINHO
Nélson Luís Kerchner, lateral-esquerdo, 29 anos (31/12/62), 1,78 m, 76 kg, paulistano. Jogou algumas partidas, ganhou passe livre e foi para o Corinthians.

TELÊ SANTANA
Telê Santana da Silva, técnico, 60 anos (26/7/1931), mineiro de Itabirito. Mais um título na vitoriosa carreira, provou por que é apontado como o melhor do Brasil.

NOITES DE ALEGRIA

Os detalhes de cada uma das batalhas que fizeram do tricolor o maior time do continente

TOMA LÁ, DÁ CÁ ENTRE BRASILEIROS

Logo na estréia, um susto: recheado de jogadores reservas, o tricolor foi derrotado por 3 x 0 pelo Criciúma, companheiro de Grupo 2 na Primeira Fase da Taça. Mas era só uma tática para, com o time titular, continuar vivo no outro campeonato, o Brasileiro. No jogo da volta, no Morumbi, veio o troco: 4 x 0 para o São Paulo. Ficou tudo em casa: os dois se classificaram e ainda se encontrariam de novo, mais para a frente.

FOTOS NELSON COELHO

Jogo difícil. Aí, Macedo entrou para despachar o Criciúma

JOGANDO À ALTURA DOS ADVERSÁRIOS

Mais que o futebol do San Jose, o que preocupava o São Paulo era a altitude da cidade de Oruro, na Bolívia, onde o adversário mandava seus jogos. A 3 706 m do nível do mar, Palhinha desmontou os bolivianos com três golaços. De volta à nossa altitude, Palhinha fez mais um, mas a zebra pastou no Morumbi. Pouco importava: o empate (1 x 1) já seria suficiente para garantir o time na Segunda Fase, como vice-líder do grupo.

CONTANDO COM A CLASSE E A SORTE

O primeiro jogo com o Bolívar, em La Paz, foi mesmo o pior do São Paulo em toda a Taça. Nada deu certo, e os bolivianos cansaram de perder chances. Mas um gol de falta de Raí, quase no final da partida, botou as coisas no lugar. Depois do 1 x 1, veio o jogo no Morumbi, e, aí, não houve mais problemas: um 2 x 0 categórico, bem ao gosto do tricolor, com Antônio Carlos e Macedo garantindo o show de bola.

SEM CHANCES PARA OS VELHOS RIVAIS

Começavam as oitavas-de-final, e, com elas, o tudo-ou-nada das eliminatórias em ida e volta. De cara, os uruguaios do Nacional, velhos conhecidos nas disputas do continente. Desta vez, porém, o tradicional papão de outras Libertadores não deu nem para a saída: foi o único, em toda a campanha, que o tricolor derrotou fora de casa (1 x 0) e também em São Paulo (2 x 0).

O TUDO-OU-NADA DOS TRICOLORES

O São Paulo, agora, já era um dos oito melhores times do continente. Mas, por força do regulamento — a partir dessa fase não era permitida a classificação de dois times do mesmo país —, viu-se de novo frente a frente com o Criciúma. No jogo de ida não foi fácil, mas o golzinho solitário acabou saindo, quando faltavam só oito minutos, dos pés quentes de Macedo. Em Criciúma, Palhinha novamente garantiria a classificação, marcando o seu no empate de 1 x 1.

OUTRO BARCELONA NO CAMINHO DO JAPÃO

Se quisesse chegar à final do Mundial Interclubes, em Tóquio, contra o Barcelona da Espanha, campeão europeu, o São Paulo agora teria que eliminar o xará do seu rival, que vinha do Equador. Com pouco mais de dez minutos de jogo, já ganhava por 2 x 0, com direito, inclusive, ao centésimo gol de Müller pelo clube. No final, os 3 x 0 da primeira partida valeriam muito. Em Guaiaquil, o São Paulo só podia perder de 2 x 0, como acabou acontecendo. Foi a conta exata.

A NOITE DA CONQUISTA INÉDITA

Agora, faltava pouco. Contra os argentinos do Newell's Old Boys, que também corriam atrás de seu primeiro título, o São Paulo voltava a sentir o gostinho de disputar a final continental. Se no primeiro jogo o juiz resolveu dar uma "mãozinha" ao adversário, marcando pênalti no lance em que a bola bateu na mão de Ronaldo, no jogo de volta, no Morumbi, não teve jeito. O tricolor precisava vencer e venceu. Não poderia ser outro o campeão da Taça Libertadores de 1992.

Müller faz o gol n.º 100, o primeiro dos 3 x 0 no Barcelona

RICARDO CORRÊA

O Newell's ganhou a primeira, mas Cafu pôde rir por último

CAMINHO DA GLÓRIA

Um a um, todos os rivais caíram. Ninguém parou o São Paulo rumo à façanha inédita

PRIMEIRA FASE

6/março/92
CRICIUMA (BRA) 3 X S. PAULO (BRA) 0
Local: Heriberto Hülse (Criciúma); Juiz: Renato Marsiglia (Brasil); Gols: Jairo Lenzi 42 do 1.º; Gélson (pênalti) 5 e Adílson 44 do 2.º; Cartão amarelo: Antônio Carlos
CRICIÚMA: Alexandre, Sarandi, Vilmar, Vílson e Itá; Roberto Cavalo, Gélson e Grizzo; Zé Roberto (Adílson), Vanderlei (Soares) e Jairo Lenzi. Técnico: Levir Culpi
SÃO PAULO: Zetti, Pintado, Antônio Carlos, Ronaldo e Ivan; Mona, Suélio e Eraldo (Raí); Catê, Gilmar e Cláudio (Cafu). Técnico: Telê Santana

17/março/92
SAN JOSE (BOL) 0 X SÃO PAULO (BRA) 3
Local: Jesus Bermudez (Oruro); Juiz: Mílton Vicencio (Equador); Gols: Palhinha 28 do 1.º; Palhinha 22 e 27 do 2.º; Cartão amarelo: Cafu e Valença
SAN JOSE: Ruiz, Vargas, Pinteros, Flores e Troncoso; Rioja, Maniyja (Vargador), Arias e Valença; Sanches e Pena (Velhany). Técnico: Raul Pina
SÃO PAULO: Zetti, Cafu, Antônio Carlos, Ronaldo e Nelsinho; Pintado, Suélio e Raí; Palhinha, Gilmar (Macedo) (Adílson) e Elivélton. Técnico: Telê Santana

20/março/92
BOLÍVAR (BOL) 1 X SÃO PAULO (BRA) 1
Local: Hernando Siles (La Paz); Juiz: Jorge Orellana (Equador); Gols: Hirano 15 do 1.º, Raí 38 do 2.º; Cartão amarelo: Antônio Carlos, Nelsinho e Palhinha
BOLÍVAR: Trucco, Sandy, Ferrufino, Riducci e Rimba; Soria, Borja e Lopes; Uride, Salinas (Hernandes) e Jorge Hirano. Técnico: Victor Barrientos
SÃO PAULO: Zetti, Cafu, Antônio Carlos, Ronaldo e Nelsinho; Pintado, Adílson, Suélio (Macedo) e Raí; Palhinha e Elivélton. Técnico: Telê Santana

7/abril/92
SÃO PAULO (BRA) 1 X SAN JOSE (BOL) 1
Local: Morumbi (São Paulo); Juiz: Efigênio Mateo Verdum (Paraguai); Gols: Palhinha 34 do 1.º; Antelo 38 do 2.º
SÃO PAULO: Zetti, Cafu, Antônio Carlos, Ronaldo e Nelsinho; Adílson, Pintado e Raí; Palhinha, Macedo e Elivélton. Técnico: Telê Santana
SAN JOSE: Luduana, Nunes, Gutierrez, Quinteros e Willian Troncoso; Pedro Rioja, Carlos Arias, Mancila (Antelo) e Daniel Valencia; Carlos Sanches (Condarco) e Pena. Técnico: Raul Pina

14/abril/92
SAO PAULO (BRA) 2 X BOLIVAR (BOL) 0
Local: Morumbi (São Paulo); Juiz: Francisco Lamolina (Argentina); Gols: Antônio Carlos 23 do 1.º; Macedo 14 do 2.º
SÃO PAULO: Zetti, Cafu, Antônio Carlos, Ronaldo e Nelsinho; Adílson, Pintado e Raí; Palhinha, Macedo e Elivélton. Técnico: Telê Santana
BOLÍVAR: Trucco, Montaños, Olaechea, Ferrufino (Hernandes) e Rimba; Borja, Higutti, Urrutti e Lopes; Sabino e Hirano. Técnico: Victor Barrientos

1.º/abril/92
S. PAULO (BRA) 4 X CRICIÚMA (BRA) 0
Local: Morumbi (São Paulo); Juiz: Cláudio Vinicius Cerdeira (Brasil); Gols: Raí 33 e Palhinha 44 do 1.º; Elivélton 25 e Müller 32 do 2.º
SÃO PAULO: Zetti, Cafu, Antônio Carlos, Ronaldo e Nelsinho; Pintado, Adílson (Sídnei) e Raí; Palhinha (Macedo), Müller e Elivélton. Técnico: Telê Santana
CRICIÚMA: Alexandre, Sarandi, Vilmar, Vílson e Itá; Roberto Cavalo, Gélson, Grizzo e Vanderlei (Adílson); Zé Roberto e Jairo Lenzi. Técnico: Levir Culpi

OITAVAS-DE-FINAL

28/abril/92
NACIONAL (URU) 0 X S. PAULO (BRA) 1
Local: Centenário (Montevidéu); Juiz: Enrique Marin (Chile); Gol: Elivélton 18 do 1.º; Cartão amarelo: Silva e Borges; Expulsão: Zetti e Wanchope

NACIONAL: Jorge Sere, Toni Gomez, Canals, Silva e Soca; Gutierrez (Wanchope), Lemos e Saralegui; Fabian (Nunes), Dely Valdez e Borges. Técnico: Roberto Fleitas

SÃO PAULO: Zetti, Cafu, Antônio Carlos, Ronaldo e Ivan; Adílson, Pintado e Raí; Palhinha, Macedo (Alexandre) e Elivélton. Técnico: Telê Santana

6/maio/92
S. PAULO (BRA) 2 X NACIONAL (URU) 0
Local: Morumbi (São Paulo); Juiz: Juan Francisco Escobar (Paraguai); Gols: Ronaldo 5 do 1.º; Antônio Carlos 7 do 2.º; Cartão amarelo: Ronaldo

SÃO PAULO: Alexandre, Cafu, Antônio Carlos, Ronaldo (Ronaldo Luís) e Ivan; Adílson (Suélio), Pintado e Raí; Palhinha, Müller e Elivélton. Técnico: Telê Santana

NACIONAL: Jorge Sere, Pinto Saldanha, Silva, Moncechi e Soca; Lemos, Saralegui, Gutierrez e Mendes; Dely Valdez e Garcia (Gonzales). Técnico: Roberto Fleitas

QUARTAS-DE-FINAL

13/maio/92
S. PAULO (BRA) 1 X CRICIUMA (BRA) 0
Local: Morumbi (São Paulo); Juiz: Renato Marsiglia (Brasil); Gol: Macedo 37 do 2.º; Cartão amarelo: Antônio Carlos, Rinaldo, Vilmar e Jairo Lenzi; Expulsão: Itá
SÃO PAULO: Alexandre, Cafu, Antônio Carlos, Ivan e Ronaldo Luís; Adílson, Pintado e Raí; Palhinha, Müller e Rinaldo (Macedo). Técnico: Telê Santana
CRICIÚMA: Alexandre, Sarandi, Vilmar, Vílson e Itá; Roberto Cavalo, Paulo da Pinta, Gélson e Everaldo; Vanderlei (Jairo Santos) e Jairo Lenzi (Adílson). Técnico: Levir Culpi

20/maio/92
CRICIÚMA (BRA) 1 X S. PAULO (BRA) 1
Local: Heriberto Hülse (Criciúma); Juiz: Márcio Resende de Freitas (Brasil); Gols: Soares 9 do 1.º; Palhinha 8 do 2.º
CRICIÚMA: Alexandre, Jairo Santos, Vilmar, Vílson e Sarandi; Roberto Cavalo, Gélson e Grizzo (Everaldo); Vanderlei (Adílson Gomes), Soares e Jairo Lenzi. Técnico: Levir Culpi
SÃO PAULO: Zetti, Cafu, Antônio Carlos, Ronaldo e Ivan; Adílson, Pintado e Raí; Palhinha, Müller e Rinaldo (Ronaldo Luís). Técnico: Telê Santana

SEMIFINAIS

27/maio/92
S. PAULO (BRA) 3 X BARCELONA (EQU) 0
Local: Morumbi (São Paulo); Juiz: Francisco Lamolina (Argentina); Gols: Müller 5, Palhinha 11 e Rinaldo 44 do 1.º; Cartão amarelo: Bernuncio, Antônio Carlos, Pintado e Rosero.
SÃO PAULO: Zetti, Cafu, Antônio Carlos, Ronaldo e Ivan; Adílson (Suélio), Pintado e Palhinha (Sídnei); Macedo, Müller e Rinaldo. Técnico: Telê Santana
BARCELONA: Cevallos, Bravo, Monzon, Montanero e Alcivar; Byron Tenório (Gavica), Júlio César Rosero e Insua; Muñoz, Gilson e Bernuncio. Técnico: Jorge Habberger

3/junho/92
BARCELONA (EQU) 2 X S. PAULO (BRA) 0
Local: Monumental Izidro Romero Carbo (Guaiaquil); Juiz: Ernesto Filippi (Uruguai); Gols: Gavica 6 e Gilson 42 do 2.º; Cartão amarelo: Gavica, Insua e Raí
BARCELONA: Cevallos, Bravo, Montanero, Monzon e Alcivar (Benitez); Bernuncio, Insua, Gavica e Rosero (David Bravo); Muñoz e Gilson. Técnico: Jorge Habberger
SÃO PAULO: Zetti, Cafu, Antônio Carlos, Ronaldo e Adílson; Suélio, Pintado, Raí (Macedo) e Palhinha; Müller e Rinaldo (Sídnei). Técnico: Telê Santana

FINAL
1.º JOGO

10/junho/92
NEWELL'S OLD BOYS (ARG) 1 X SÃO PAULO (BRA) 0
Local: Monumental de Rosário (Argentina); Juiz: Hernan Silva (Chile); Gol: Berizzo (pênalti) 38 do 1.º; Cartão amarelo: Martino, Ronaldo e Antônio Carlos

NEWELL'S OLD BOYS: Scopone, Saldaña, Raggio, Gamboa e Pochettino; Berti, Berizzo e Martino (Garfagnoli); Zamora, Lunari e Mendoza (Domizi). Técnico: Marcelo Bielsa

SÃO PAULO: Zetti, Cafu, Antônio Carlos, Ronaldo e Ivan; Adílson, Pintado e Raí; Palhinha (Macedo), Müller e Elivélton. Técnico: Telê Santana

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente: Roberto Civita
Vice-Presidente Executivo: Thomaz Souto Corrêa
Diretor Superintendente: Ronald Jean Degen

Diretores de Área:
Carlos Roberto Berlinck, Celso Nucci,
Edvard Ghirelli Filho, Jaime de Oliveira Nascimento,
Júlio Bartolo, Oswaldo de Almeida,
Ricardo A. Setti, Vanderlei Bueno

PLACAR

Diretor-Gerente: Alberto Pecegueiro
Diretor Editorial: Juca Kfouri
Diretor de Arte: Carlos Grassetti

REDAÇÃO
Redator-Chefe: Sérgio F. Martins
Editor: Celso Unzelte
Editor de Fotografia: Ricardo Corrêa Ayres
Reporteres: Paulo Coelho e Manoel Coelho (colaborador)
Editores de Arte: Afonso Grandjean e Walter Mazzuchelli (colaboradores)
Diagramadores: André Luiz Pereira da Silva e José Jonas de Lima (colaboradores)
Assistentes de Produção: Sebastião Silva e Wander Roberto de Oliveira

Placar é uma publicação da Editora Abril S.A. Pedidos pelo Correio: DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP — Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

ANER

IMPR. NA DIV. GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Presidente: Roberto Civita
Vice-Presidentes: Angelo Rossi,
Ike Zarmati, José Augusto Pinto Moreira,
Luiz Fernando Furquim, Placido Loriggio,
Raymond Cohen, Roger Karman,
Thomaz Souto Corrêa

Foto de capa: Ricardo Corrêa

O HOMEM DOS GOLS

Com talento e personalidade, Palhinha garantiu seu lugar no time e a artilharia da Libertadores

Palhinha marca contra o Barcelona: gols e categoria para se firmar no tricolor

NELSON COELHO

Quando chegou ao Morumbi, no início da temporada, emprestado ao América-MG, ninguém deu atenção. Aos 24 anos (14/12/1967), o mineiro Palhinha já não parecia ser nenhuma revelação e, em um clube cheio de estrelas, tudo levava a crer que seria apenas um figurante na campanha da Taça Libertadores da América. No entanto, Márcio Jorge Ferreira da Silva usou de muito talento e personalidade para se firmar entre as feras tricolores.

Seu futebol de toques rápidos e envolventes encantou até o exigente técnico Telê Santana, garantindo a posição de titular. Para completar, seus gols — sete até a primeira partida das finais — tornaram-no o artilheiro da competição, como já acontecera com seu xará do Cruzeiro, que fez treze em 1976.

''Até eu me surpreendi com a rapidez de minha ascensão no São Paulo'', confessa. Por tudo isso, quando entrou em campo para disputar a final contra o Newell's Old Boys, já era o centro das atenções dos zagueiros argentinos, que o consideravam o maior perigo do time brasileiro. E até o técnico da Seleção, Carlos Alberto Parreira, já afirmou: nas próximas convocações, Palhinha é um nome certo.

A ARTE GANHOU MAIS FORÇA

Em sua terceira participação no torneio, Telê Santana mostrou que o futebol espetáculo também pode ser competitivo

Telê mostrou seu novo e vitorioso estilo: escalando jogadores defensivos para liberar a arte

RICARDO CORRÊA

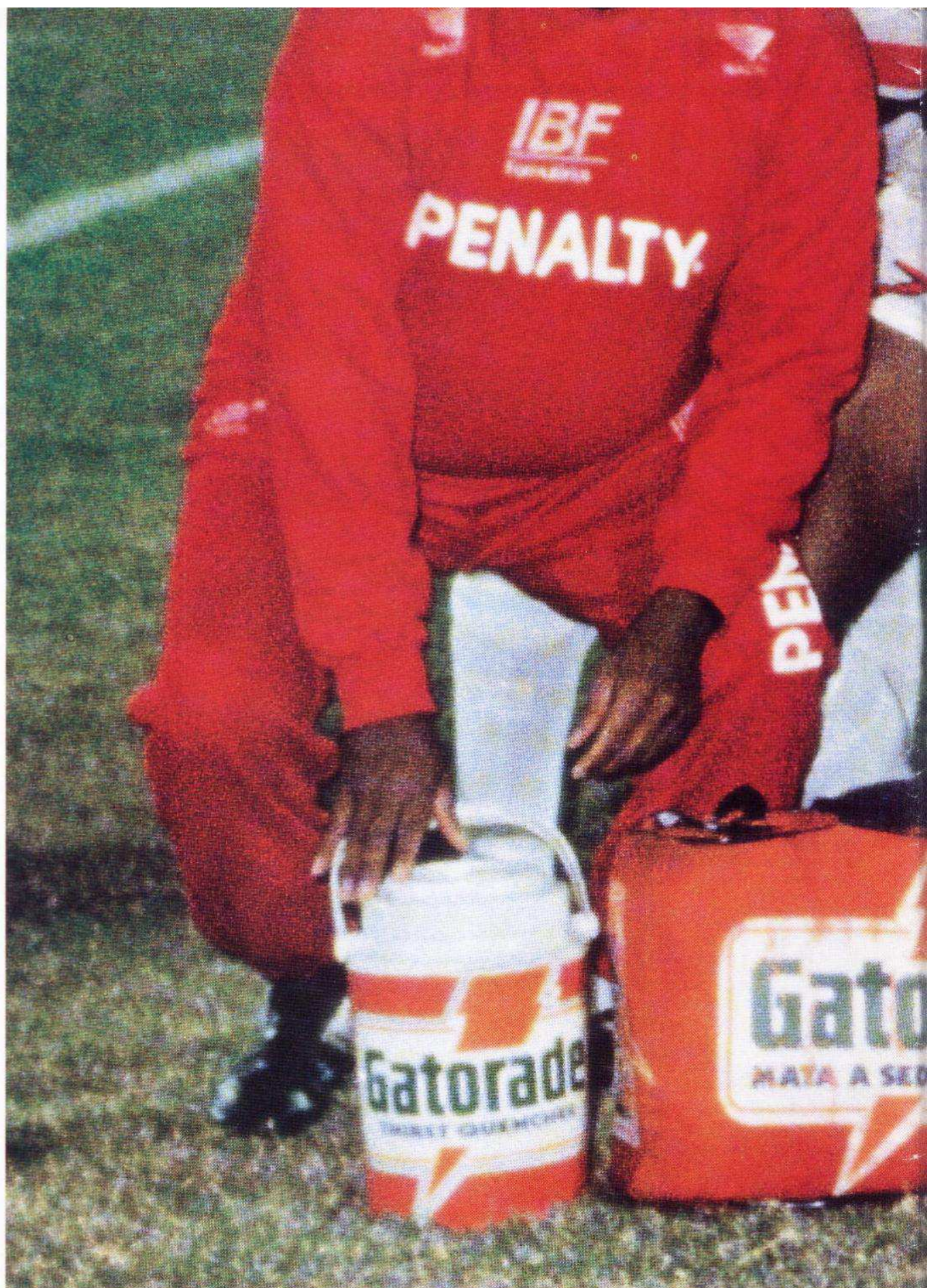
Experiência na Libertadores não faltava ao técnico Telê Santana. Ele já disputara o torneio em 1972, pelo Atlético-MG, e em 1979, pelo Palmeiras, embora sem jamais conseguir bons resultados. Dessa vez, no entanto, aliou a arte que estava acostumado a empregar em seus times a um esquema mais rígido, que contava com dois volantes — Pintado e Adílson. Tudo para liberar o talento de jogadores como Raí, Müller e Palhinha. O segredo, para Telê, porém, foi outro. ''Este ano o torneio teve exame antidoping'', resume, alfinetando os rivais sul-americanos. Por um ou outro motivo, o técnico transformou o São Paulo em um time competitivo no cenário continental e mostrou o caminho para novas conquistas brasileiras. E ele, particularmente, abriu caminho para sua terceira tentativa de se sagrar campeão do mundo. Agora, pelo São Paulo.

SÃO PAULO CA

AMPEÃO DA TAÇA

LIBERTADORES - 1

1992

PLACAR

Em pé: Ivan, Ronaldo, Adílson, Zetti, Cafu e Antônio Carlos; agachados: Müller, Pintado, Palhinha, Raí e Elivélton

SPFC
SPFC
13
14
orade
DE DO CORPO

FOTO RICARDO CORRÊA